

A TRAJETÓRIA DE UM VÍRUS EM TEMPOS PÓS COLONIAIS ¹

The trajectory of a virus in post-colonial times

SANTANA, Mônica de Lourdes Neves ²

Resumo: Um dos fenômenos principais da nossa época tem sido a preocupação com o surgimento e o crescente número de óbitos em todo o mundo pelo Covid-19. Aqui no Brasil, argumenta-se que a proliferação do vírus tenha sido causada pela classe da periferia contaminando o restante da sociedade civil. Neste artigo, ao relacionar a teoria pós-colonial e a crítica feita à classe oprimida, parte-se da suposição de que culpar os indivíduos marginalizados está ligado à manutenção do espaço de dominação das elites enraizado no discurso colonial, com atitudes e referências eurocêntricas.

Palavras-chave: Trajetória. Vírus. Periferia. Elite. Pós-colonial.

Abstract: One of the main phenomena from our time has been the worry about the emergence and the growing number of dead people all over the world by Covid-19. Here in Brazil, it is argued that the proliferation of the virus has been caused by the suburb class infecting the rest of the civil society. In this article, in relating the postcolonial theory and the criticism to the oppressed class, it starts on the assumption that blaming the least favored people is connected to the maintenance of domination space from the elites rooted in the colonial discourse, with attitudes and Eurocentric references.

Keywords: Trajectory. Virus. Periphery. Elite. Post-Colonial.

Résumé: L'un des principaux phénomènes de notre époque a été l'inquiétude concernant l'émergence et le nombre croissant de personnes décédées partout dans le monde par le Covid-19. Ici au Brésil, on fait valoir que la prolifération du virus a été causée par la classe ouvrière infectant le reste de la société civile. Dans cet article, en reliant la théorie postcoloniale et la critique faite à la classe opprimée, on suppose que blâmer les personnes les moins favorisées est lié au maintien de l'espace de domination des élites enracinées dans le discours colonial, avec des attitudes et des références eurocentriques.

Mots clés: Trajectoire. Virus. Périphérie. Postcoloniale.

¹ Recebido em: 27 Jul. 2020 | Aceito em: 23 Out. 2020.

² Professora Doutora Associada. UEPB. m@detroz.com

1.Primeiras palavras

A atual conjuntura histórica mostra que estamos passando por um momento de crise excepcional na saúde de importância no âmbito internacional, comprometendo o bem estar e o direito de ir e vir de todos os seres humanos, causado por uma súbita contaminação.

A partir de então, o alerta foi dado e a Organização Mundial de Saúde vem de forma preocupante atualizando os dados da real situação que enfrentamos o que pode ser resumido em duas palavras: número de óbitos. Em razão do número de mortes aumentando exponencialmente passou-se a declarar oficialmente como uma pandemia na data de 11 de março (OMS, 2020). Ademais, essas mudanças alteraram significativamente o sistema político, econômico, social, e a forma de enfrentar a situação no que tange a forma de viver e de sobreviver.

O mundo já experimentou diversas epidemias que atacaram a saúde pública global, lembrando em 2002 a síndrome respiratória aguda (SARS) causando a morte de 800 pessoas em cerca de 8.000 casos, H1N1 em 2009 com 18.500 morte, a síndrome respiratória do meio oeste que causou a morte de 800 com 2.500 casos em 2012, e atualmente o corona com mais de 35.000 mortes de 730 mil casos confirmados até agora, podendo aumentar o número a cada hora (Anjorin, 2020).

O presente estudo busca compreender o Covid-19, o surgimento na China, como se deu a saída do país, considerando principalmente sua forma de expansão pela Europa, ademais observando dentro deste cenário como se deu a proliferação da contaminação na América do Sul. Nesse ponto, utilizar-se-à o caso prático do Brasil como forma de análise a fim de discutirmos em que medida mais uma vez a presença do colonizador soberano prejudica a vida do colonizado seja ele índio, negro, ou pobre culpando-os pelo desenvolvimento da doença.

Para tanto, estruturamos a presente análise em três seções, além de introdução e conclusão. Na primeira, apresentamos o contexto histórico do surgimento e a trajetória do corona vírus com o objetivo de facilitar o seu entendimento parcial, dizemos parcial uma vez que os cientistas ainda estão estudando seu funcionamento até chegar à cura.

Em segundo, abordaremos como se deu a entrada do vírus no Brasil, analisando a voz e a história do colonizador seja ele representado pela mídia, pelos governantes ou redes sociais acusando as populações da periferia como o vetor responsável pela proliferação do vírus no Brasil e pelas suas consequências alarmantes

Finalmente, a terceira seção se apoiará na abordagem pós colonial por permitir um olhar mais amplo acerca das relações de poder e pontos de vistas distorcidos a respeito da realidade em que os países estão inseridos. Em especial no que tange os indivíduos que já eram marginalizados e viviam como tal, agora estão ainda mais marginalizados devido ao *lockdown*. O interessante é refazer essa arena de atribuições depreciativas do ser humano, sobre o outro inferiorizado devido aos padrões dominantes de representação e discutir a capacidade do subalterno se representar. Busca-se assim novas formas de enxergar as trajetórias das sociedades humanas. O resultado assemelha-se ao que Edward Said e Homi Bhabha chamam de discurso colonial, ou seja, aquele que constrói o colonizado como população degenerada e que justifica a dominação, controle e administração do seu sistema de vida.

2. A trajetória de um vírus

Segundo Leite (2011, p.8), a China vem se apresentando no contexto internacional como uma nação dinâmica e modelo de transformações sócio-políticas no cenário interno. Sua trajetória de ascensão econômica e inserção-ascensão internacional chama a atenção para essa nova potência que se destaca.

No entanto, todos esses requisitos e qualidades estão sendo desrespeitados e desconsiderados por outras grandes potências como Alemanha, França, Estados Unidos que acreditam que a China escondeu a criação de uma arma letal ao ser humano: um corona vírus. Uma das críticas mais comuns recai no fato da China ter demorado a alertar o resto do mundo sobre a gravidade desta infecção, disfarçando as estatísticas.

Mediante estes fatos, a evidência e repercussão que a China ganhou nos últimos meses graças à criação de um vírus são visíveis. Acredita-se que ele tenha surgido por

volta de novembro do ano passado mas os pesquisadores da Universidade de Harvard discordam pois foi observado através de satélites um tráfego diferencial de veículos em frente aos hospitais de Wuhan em agosto de 2019 que podem indicar que o vírus surgiu antes mesmo do que foi notificado pelas autoridades - BBC News³. “Claramente houve algum nível de distúrbio social bem antes do que foi identificado como começo da nova pandemia de coronavírus”, disse John Brownstein responsável pela pesquisa em entrevista à *ABC News*.

De acordo com um estudo da Universidade de Southampton, se a China tivesse adotado restrições uma semana antes, o vírus teria infectado 66% de pessoas a menos (Fellet, 2020). Já as autoridades chinesas reportaram o surgimento de uma pneumonia sem causa definida à Organização Mundial de Saúde (OMS) apenas em 31 de dezembro de 2019. Nove dias após a notificação foi identificado um novo vírus, o Sars – CoV- 2, e assim declarou-se que a Covid era uma emergência após 82 casos a serem confirmados.

No transcorrer da história, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a doença causada por esse coronavírus deve ter uma nomeação oficial para evitar futuras confusões e assim passou a ser denominando de Covid-19. “O perigo quando você não tem um nome oficial é que as pessoas comecem a usar termos como ‘vírus da China’, e isso poderia criar uma discriminação contra certas populações”. Afirmou Crystal Watson, professor assistente do Centro para Segurança da Saúde de Johns Hopkins. O nome foi retirado das palavras corona, vírus e doença com a junção do ano 2019. O corona recebeu este nome devido ao fato de seus espinhos lembrarem uma coroa.

Feitas estas considerações iniciais, o que se sabe sobre a possibilidade da China ter fabricado o vírus em laboratório? Sabemos que existe uma teoria impressa nos setores ultraconservadores americanos dos quais Steve Bannon é um deles, de que a China teria fabricado o vírus como parte de um plano estratégico para derrubar os mercados e destronar a hegemonia americana inabalável e sendo assim, poder ditar a nova ordem mundial (Lopes, 2020).

³ Entrevista cedida por John Brownstein à BBC news Brasil em 30 de abril de 2020.

Em uma reportagem, o jornal *The Washington Post* divulgou as correspondências entre os diplomatas americanos na China em que uma delegação que visitara em 2018 um laboratório em Wuhan teria alertado o governo americano para uma suposta falta de segurança do prédio localizado em meio às colinas da cidade. A poucos quilômetros há um mercado apontado inicialmente como o local de propagação da doença; a fonte mais provável seriam os frutos do mar, a animais selvagens e vivos comercializados (Lopes, 2020).

Ainda que fosse produzido pelos animais no mercado público em um local longínquo, como o Covid-19 se expandiu para fora da China? Essa pergunta foi respondida pelos cientistas brasileiros, ingleses e canadenses no *Journal of Travel Medicine*. O primeiro caso relatado foi na Tailândia em 13 de janeiro. Nas Américas chegou aos Estados Unidos em 15 de janeiro quando um homem que havia visitado Wuhan voltou para sua casa no estado de Washington e seu teste deu positivo dia 20. Na Europa chegou por meio da França. Enfim, centenas de viajantes chegaram já infectados da Europa e da Ásia (Lopes, 2020).

3. A porta de entrada

Baseado nos fatos mencionados acima, entendemos e partimos da hipótese de que a porta de entrada do vírus no mundo inteiro se deu principalmente via avião e esses foram frequentados por ricos turistas, empresários e pobres imigrantes, enfim todas as duas classes: o opressor e o oprimido.

Exemplificaremos melhor com o caso da Itália, em específico a cidade de Prato. Quando as tecelagens de Prato fechavam, os chineses começavam a chegar em grande número e em busca de oportunidade, assumindo o controle das tecelagens falidas. Ademais, existem companhias aéreas com possibilidades e facilidades com preços a baixo custo para as viagens entre a Ásia e a Europa o que abriu ainda mais as portas de acesso para o acentuado crescimento da população chinesa.

Segundo Goodman e Bubola (2019), vale salientar que o modo de pensar da população italiana culpa os imigrantes asiáticos pela falta de empregos, já que a Itália ficou vulnerável à China tendo em vista que grande parte dos negócios artesanais como couro e fabricação de sapatos foram dominados pelos chineses. Nesse sentido, a comunidade comerciante chinesa de classe média e média baixa (oprimida), vive uma situação difícil pois além de serem vistos com maus olhos se tornaram bodes expiatórios por causa do surto do vírus por lá e teriam se tornado por azar do destino os principais responsáveis pela contaminação na Lombardia, disseminando para outras regiões como Toscana, Umbria, Marche e Emilia-Romagna.

Este cenário chama a atenção para a consciência nacionalista italiana em que a população chinesa é rotulada, relegada ao segundo plano, com sua reputação denegrada, onde perpetua-se a divisão, a segregação enfatizando a inferioridade e a diferença racial do outro. Assim sendo, os chineses imigrantes de classe baixa estão duplamente marginalizados.

Neste trilho de pensamento, lembramos a obra do pensador martinicano Frantz Fanon (2005), ao dizer que o colonizado está duas vezes escravizado, tanto pela cor como pela inferioridade - um material simbólico. O colonizado, o indígena, o negro, o árabe, o chinês, estão posicionados em um lugar da má fama, a negação da humanidade. Em sua visão, a temática dos “dois campos”, se inscreve na antinomia dos opressores e oprimidos.

Prosseguindo em nosso pensamento colocaremos outro exemplo: o cenário no Brasil. Aqui, centenas de viajantes chegaram infectados ao mesmo tempo. O primeiro e o segundo caso relatado foram de dois homens: um de 61 anos ambos haviam retornado da Itália na charmosa região da Lombardia, reconhecida como um lugar de esplêndidas e imponentes paisagens, rica em arte, cultura, turismo e bem-estar. Outro exemplo foi de um homem residente em São Paulo que esteve na Europa e também na Itália (Biernath, 2020).

Desde então, o que se observa é que a hegemonia ocidental projetada em um discurso sólido foi posta em xeque e vai se desmanchar no ar. Acreditamos que o discurso de poder, como imaginava Foucault (1984), e o enfrentamento dos discursos significa o surgimento de novos saberes. Assim, segundo Andrade (2009), então, o discurso tecido

como totalidade centralizadora, a verdade absoluta cria uma outra verdade, combatendo a verdade que se quer definitiva. É assim que contestando entenderemos a verdade. Aliás contestar faz parte da abordagem pós colonial a ser tecida em breve.

Vale destacar que o número de pessoas infectadas nestas trajetórias varia de país para país de acordo com o poder de mobilidade delas. Segundo a Universidade de Edimburgo, a China apresenta essa grande probabilidade de infectados devido a densidade populacional e aos animais infectados.

Seja de que país for, seja como for, falar da proliferação do vírus neste contexto de acusações, nos faz lembrar a relação maniqueísta caracterizada pela ideia da oposição centro/ periferia, eu/outro, civilização/selvageria, aspectos emblemáticos e considerados neste trabalho como fatores determinantes para a ideologia da centralidade da dominação enfatizando as desigualdes.

Segundo Lima (2015), o conceito de centro-periferia é bem presente nas ciências sociais, física, urbanismo, história e ciência. No nosso contexto social, o centro nos remete às regiões que consolidaram suas hegemonias em termos econômicos, científicos citando por exemplo Europa e América do Norte. Neste período em que atravessamos a expressão funciona muito bem para confirmar a fronteira da desigualdade de condições de vida e de proteção.

Assim também advertiu o intelectual argentino Walter Mignolo (2010) que com sua proposta, apresenta críticas à epistemologia eurocêntrica e argumenta que as epistemologias fronteiriças devem ser a melhor alternativa para tratar dos lugares periféricos como nos tempos de crise em que vivemos. Somente através dela poderia-se propor uma reorganização da produção do conhecimento e dos discursos, baseada em uma consciência subalterna e no bios locais dos sujeitos (Oliveira,2018). Assim também defendeu Gloria Anzaldúa acreditando que tal epistemologia entende que somente ela permite ao crítico periférico pensar e partir dos interstícios do discurso dos sujeitos.

Mignolo possui o pensamento articulado com movimentos sociais que buscam a defesa da vida em todas as dimensões fazendo uma releitura necessária e instigante. Segundo ele, a nossa modernidade apresenta uma concepção de uma lógica excludente: totalidade que nega e exclui as possibilidades de outras totalidades possíveis. “a

racionalidade moderna é, ao mesmo tempo, defensiva e excludente” (Mignolo, 2010,p13). O autor tenta formular uma alternativa à epistemologia do poder em um esforço para derrubar a hierarquia cultural que herdamos desde o colonialismo.

Acreditamos que o pensamento de fronteira seja a resposta à modernidade pelas epistemologias subalternizadas para rompermos as epistemologias hegemônicas. É preciso epistemicamente desestabilizar de forma crítica as ideologias dominantes e seu material discursivo.

No contexto das desigualdades herdadas do colonialismo, o Brasil é um país de dualismos e injustiças, dividido entre regiões ou grupos sociais. De um lado, o poder aquisitivo maior em bairros nobres dispendo das facilidades que o dinheiro pode oferecer, do outro em isolamento, está a vulnerabilidade dos grupos subalternos, em sua maioria negros e mestiços. Segundo dados do IBGE com alimentação ruim, sem condições de cuidar da sua saúde como um todo, falhas no serviço social, e quando precisam são oferecidos os piores hospitais.

Sendo nós uma população majoritariamente formada por pessoas com vínculos de trabalhos indiretos e precarizados, as medidas de contenção da epidemia geraram um impacto grave sobre a condição de subsistência. Outro impacto negativo foi a diminuição da renda em que pelas determinações da saúde a população carente foi obrigada a fazer quarentena e viver em situação de extrema necessidade (Souza, 2020).

A realidade da favela, a imagem da periferia, impõe desafios enormes, desde compartilhamento de espaços sem ventilação, pessoas idosas, jovens e adultos todos juntos em um cômodo. Quanto a necessidade de lavar as mãos, não existe água, e quando existe, com um serviço precário. Alguns moradores estão fazendo um monitoramento dos idosos com o objetivo de que eles não saiam de casa.

Não é difícil perceber as limitações das comunidades, em que crianças e jovens periféricos de todo o Brasil encaram o momento com a falta de auxílio público maior que garanta a continuidade no acesso ao ensino como tem acontecido com os alunos da rede particular. Os voluntários estão em contato com as unidades de saúde para atualizar informações e quais medidas a serem tomadas no que diz respeito a proteção (Souza, 2020).

Assim é que, em tempos de caos a solidariedade se destaca, por exemplo, no complexo da Maré no Rio de Janeiro os moradores utilizam rádios locais para divulgar informações de prevenção e conscientização. É exatamente ao tomar conhecimento que gravam vídeos que fornecem explicações e assim ajudam a campanha comunitária com direito a *WhatsApp* para apoio (Souza, 2020).

Em mais uma jogada das desigualdades vemos como retrato diário a conduta diferenciada no atendimento ao diagnóstico rápido. A população periférica só consegue ter o diagnóstico da doença quando ela já está avançada, isto mostra que quem é mais pobre sofre mais. Outro impacto negativo é a falta de sensibilidade e responsabilidade dos governantes em viabilizar melhores condições de prevenção. Há de se destacar que ocorreram divergências entre as esferas federais, estaduais e municipais com politização com ênfase para a corrupção associada ao Covidão. O que se observa é uma fragilidade estatal que ao invés de procurar compreender os problemas de um Estado falido ainda fornece números parciais da coleta de dados provocando debates consideráveis.

Com o avanço da pandemia de covid, foram realizadas uma série de operações da Polícia Federal contra os governadores e prefeitos de alguns estados e municípios brasileiros. Tais ações foram denominadas de Covidão, referindo-se ao escândalo do Mensalão em 2005. Essas operações investigam as irregularidades cometidas pelos governadores e prefeitos.

O estado de São Paulo e Pernambuco lideraram o ranking de denúncias de corrupção envolvendo gastos e despesas de valores altíssimos, seguidos pelo Amapá, Amazonas, Distrito Federal, Pará, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, segundo o INAC- Instituto Não aceito a Corrupção, divulgado pelo diário do Poder (Gazeta Brasil, 2020). Estes esquemas de corrupção envolviam compras superfaturadas de equipamentos como a de respiradores, máscaras, álcool, e gel. A operação Placebo foi deflagrada no dia 26 de maio no Rio de Janeiro sob a responsabilidade da polícia federal em parceria com a Controladoria - Geral da União e Receita Federal, investigando os contratos milionários na montagem de hospitais de campanha.

Outro fator de preocupação é a apropriação da tradição eurocêntrica como uma das maneiras pelas quais a cultura brasileira encontra respaldo para a construção do sujeito: eu e o outro (Arantes, 1992). A história já diz que fomos gerados como colônia em nossa formação identitária, e com o passar dos tempos vivemos um dilema de dupla subalternidade; aqueles de alta renda assumem papel de colonizadores e disputam, desejam ser os colonizadores da periferia.

Para Emmanuel (1972,p.1), o que existe em comum é a consciência de ser “os pobres do mundo” ou “os ricos do mundo”, que já existia entre os povos dos países subdesenvolvidos e os dos países desenvolvidos. No início da década de 1960 esse intercâmbio desigual no sistema capitalista já era conhecido e universaliza-se entre as preocupações do mundo contemporâneo.

Uma vez dominantes, devido às suas formações sociais, a classe elitizada pode estender sua exploração aos trabalhadores dominados. Isso acontece de duas formas: direta ou indiretamente. Direta, quando exporta capitais e realiza investimentos nos países atrasados explorando os trabalhadores locais. Indiretamente, quando bloqueia o desenvolvimento do dominado extraíndo sua mão-de-obra, enfraquecendo-o (Bettelheim 1973, p. 65).

Assim como Nietzsche propomos pensar para além do bem e do mal. Quem é o “mau” e quem é o “bem”? Vai depender da perspectiva de quem julga. Quanto à isso, existem especulações em torno da dimensão do fenômeno da proliferação do vírus no Brasil. Embora se reconheça a inconsistência dos dados, parte da imprensa interpreta que a culpa se deva exclusivamente à periferia talvez baseado na fragilidade/ precariedade da estrutura de vida. São necessárias cautela e prudência para tratar desta questão em que ambos são culpados Sabemos que durante os meses de infecção entre fevereiro e abril, tanto a elite econômica como os imigrantes brasileiros de baixa renda retornaram ao Brasil.

Diante da crise, muitos brasileiros que viviam no exterior enfrentaram o dilema de decisão de retornar ou não. Sem renda ou dinheiro para pagar o aluguel, para comer, ou uma renda extra para os tempos difíceis desistiram do sonho de melhor qualidade de vida e retornaram ao Brasil. Tomada a decisão de retornar ao Brasil, ainda enfrentaram o

problema de barreiras no espaço aéreo, passagens inflacionadas e assentos preferenciais para os turistas.

Como diria Frantz Fanon (1981, p.85) indivíduos sem raízes, sem âncora, sem horizonte. Esse mover entre lugares feito pelos imigrantes significa mudança na identidade e a fragmentação da possibilidade de viver uma vida digna. O que pode ser dito é que esse momento deve ser pensando como um aspecto imperial com um discurso camuflado.

Devemos reconhecer que com a falta de empregos e com os *lockdowns*, os imigrantes já marginalizados se tornaram ainda mais marginalizados reforçando a ideia de centro-periferia. Segundo Flávia Mantovani (2020) da Folha de São Paulo afirmou, só na Holanda o programa de retorno voluntário repatriou de março até maio 200 brasileiros quando o normal é de 10 a 15. Já nos EUA esse retorno cresceu em 200% aproximadamente. Em Londres foram mais de um mil e-mails no primeiro mês da quarentena. No dia seguinte à quarentena na Espanha, já estavam em estado de alarme. Muitas famílias passando extrema necessidade, um grande número de mães com crianças, algumas sozinhas com até cinco filhos.

Mediante o contexto exposto, a população periférica está sujeita ao comando da classe dominante, e que acaba presa em um círculo de interpretação, na qual é observada como a causa e o efeito do caos no sistema. Falar da periferia vista como a justificativa da proliferação do vírus entre nós demonstra mais uma vez o poder do colonizador de querer calar o sujeito subalterno, sempre esquecido, excluído, sem apoio dos governantes e carente de uma consciência da solidariedade. Há de se salientar outro exemplo polêmico, o comentário da primeira dama de São Paulo, Bia Dória que causou uma repercussão nacional e ojeriza ao afirmar que não se deve dar alimentação e agasalhos àqueles que residem nas ruas, quanto mais preocupar-se com os índios; jovens e crianças, outros grupos considerados como os maiores excluídos.

Constatamos pela tv que os números de contaminados aumenta a cada hora especialmente onde há relatos de aglomeração de pessoas. É importante verificar de forma mais precisa como e onde elas ocorrem. Vale ressaltar que aqueles que desafiam a segurança (como registrado pela TV), são geralmente pessoas de nível universitário,

desembargadores, engenheiros, entre outros com um discurso de soberania e arrogância.

Relembremos o caso do desembargador Eduardo Almeida Prado Rocha de Siqueira do TJ-SP pela conduta de forma abusiva, autoritária que tratou o guarda que lhe pediu para dar o exemplo e usar a máscara enquanto caminhava na areia da praia em Santos. O desembargador rasgou a multa e a jogou no chão além de ter chamado o guarda civil de analfabeto.

Em julho mais outro episódio de abuso de poder, uma mulher ofendeu o superintendente da Educação e Projetos da Vigilância Sanitária do Rio de Janeiro, Flávio Graça que trabalhava em uma fiscalização em bares. O mesmo chamou o marido da mulher de cidadão e ela em tom de soberba afirma que seu marido é engenheiro civil formado, doutor pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Esse caso também foi registrado na tv. Acredita-se que o nível de escolaridade (que no caso era falsa após investigações), defina a superioridade ou caráter. O casal tentava coibir uma fiscalização com 80 kg de carne vencida. Chegaram a cantar e zombar da fiscalização.

Ocorre como delibera o pensamento do filósofo francês Michel Foucault sobre a questão do poder e a governabilidade. O autor estudou a natureza do poder para identificar os sujeitos atuando sobre os outros sujeitos, assim como o fazem os dominantes em seus papéis. Assim, o poder é a estrutura basilar que organiza de forma hierárquica a sociedade (Kuhlmann e Freitas, 2014). Seja qual for a comunidade, o poder se distribui com uma dupla face, seja como agente de mudanças sociais ou como forma de dominação e sujeição. Nesta relação, o governante precisa do governado pois sem ele não seria eleito, não teria a capacidade de organizar os níveis de inferioridade das instituições estatais e da sociedade (Foucault, 2009).

A força da hegemonia das classes dominantes lhes dá o poder de afirmar e consolidar seu discurso eurocêntrico em que se leva em conta o que seria ideal para os governantes a fim de alcançar o sucesso. O discurso sociológico do Ocidente tem a função de uma cultura padrão detentora de uma série de características das quais as outras sociedades podem ser tratadas como deficientes. Trata-se de um resumo do que vem acontecendo em relação a culpa apontada às sociedades periféricas que de alguma forma serão responsabilizadas pela negatividade (Bortoluci, 2009).

É importante entender que o discurso hegemônico nos seus variados moldes, tomava forma tanto institucional como individual, que tinha como principal objetivo dividir as raças e dominar aqueles que segundo sua visão deveriam viver sob seu domínio. Tal discurso era trabalhado em justificativas variáveis como biológica, econômica, intelectual, política e em determinados casos os colonizadores buscaram em dados científicos o sustento para seu discurso, que pretendia com isso rejeitar qualquer possibilidade de confusão entre as raças (Bortoluci, 2009).

Gramsci (1978 a, p.15) nota que é comum a um grupo social em situação de subordinação em relação ao outro adotar a concepção de mundo deste, mesmo que esteja em contradição com sua prática. Situação está imposta mecanicamente e desprovida de consciência crítica e coerência sendo simplesmente ocasional. Ele continua dizendo que as razões para os vários fracassos da classe operária se devem ao fato da postura de determinados grupos sociais que impede a ampliação da base social.

É dentro de todo esse contexto que emerge o discurso da perspectiva pós colonial trazendo à tona e desnudando a história de opressão, promovendo a visão do subalterno, periférico, do marginal, contando a história dos vencidos (Andrade, 2009).

4. Tempos Pós-Coloniais

“Onde há poder, ele exerce”.

(Foucault, 1984, p. 75)

A abordagem pós-colonial analisa as relações entre o sujeito colonizador e o colonizado, em especial a forma como a construção do colonizador acontece através da fabricação que faz do colonizado, envolvendo questões de classe, raça e gênero (Memmi, 2007).

Seu pensamento tenta compreender a arena de acusações através de uma abordagem que quebre a voz conservadora e unívoca do colonizador, além de ser “testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno” (Bhabha,1998).

O pós colonialismo como campo de pesquisa e prática surge não como a nova teoria, a solução aos problemas mas como forma de reelaboração, de reconstrução de conceitos uma vez feita a crítica, uma vez reconhecido o problema e assinalado os pontos cegos o pós colonialismo surge como uma agenda propositiva.

Isso dito, acrescentamos que sua proposta é de demonstrar a continuidade da dominação colonial em pleno século XIX e a afirmação das elites soberanas no mundo. Ademais, os estudos pós coloniais tratam de situações atuais e as analisam em termos de herança que parece se manter independente da evolução dos tempos exemplificado nas produções contemporâneas de subalternidade pela identidade do centro controlador e opressor (Carvalho, 2010). Deve-se levar em conta a língua, a religião, a cultura, o gênero, a raça e o pertencimento a um determinado grupo social. Por causa deste foco índios, negros, mulheres, são os estratos sociais de uma dimensão de subalternidade (Cahen; Braga, 2018).

Albert Memmi (2007) analisa a situação do sujeito colonizador e do colonizado e seus papéis. Para ele, o colonizado representa tudo o que é abominado pelo colonizador sem possibilidade de mudança. Está subentendido um fascismo colonial no qual o governo reacionário e opressivo necessita manter de forma que possa administrar a economia, política representada no poder globalizador.

Podemos supor que o colonialismo teve um fim enquanto relação de dominação, porém, o seu fim não representou o fim das relações de poder discriminatório desenvolvido no seio da sociedade elitizada no Brasil. Nesse sentido, o discurso das elites brasileira em relação a propagação do vírus corroboram o argumento da continuidade das relações de dominação colonial colonizador - colonizado.

Essa concentração de poder dá origem à Colonialidade do poder (Quijano, 2005), como princípio sobre o qual o poder se traduziu na política das elites em que grande parte da população oprimida seja os imigrantes chineses na Itália ou os imigrantes pobres que retornaram ao Brasil são sistematicamente excluídos dos meios de produção e subsistência. Em sua explanação, a divisão entre metropolitanos e periféricos deve ser examinada a partir das complexidades das relações de poder em que se encontram cada grupo e indivíduo.

Assume-se que a narração das elites brasileiras deveria ser estudada de um ponto de vista pós-colonial. Nesse caso, as posições fixas serão contestadas em um olhar que não confirme o caráter de subalternidade atribuído aos dominados (Carvalho, 2010).

O discurso utilizado pelas elites em pleno século XIX ainda tem a ver com o discurso colonial desenvolvido por Said (1979) e Bhabha (2007) ao afirmarem que este seria um mecanismo baseado no repúdio às diferenças raciais, culturais e históricas com o chamado “povos sujeitos” que exigem vigilância e controle. Uma camada da sociedade submissa, nebulosa, sem capacidade de ação e resistência.

[O discurso colonial] busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados, mas avaliados antiteticamente. O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução. Apesar do jogo de poder no interior do discurso colonial e das posicionalidades deslizantes de seus sujeitos [...] estou me referindo a uma forma de governamentalidade que, ao delimitar uma “nação sujeita”, apropria, dirige e domina suas várias esferas de atividade. Portanto, apesar do jogo” no sistema colonial que é crucial para seu exercício de poder, o discurso colonial produz o colonizado como uma realidade social que é ao mesmo tempo um “outro” e ainda assim inteiramente apreensível e visível (Bhabha, 2007, p.111).

Dado o exposto, não há como negar que o discurso elitizado do Brasil em sua teoria, promove uma fragmentação da identidade do sujeito periférico, obrigando-o a se ver como um ser disperso da noção de si enquanto sujeito, resultando na facilitação de sua dominação por terceiros e na dificuldade a resistência.

Fomos educados desde cedo a ver a periferia de forma desigual e assim hierarquizamos e classificamos as diferenças (Carvalho, 2010). Isso tudo repercute na nossa forma de ver o outro e de ver a si próprio, como afirma Woodward (2004, p. 18): “Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído.” As relações de poder são moldadas segundo os interesses de certos grupos que se julgam superiores.

Através das reflexões do texto, infere-se que o discurso utilizado pelo opressor é baseado no critério da inferiorização econômica, racial, sobretudo com diminuição do ser

humano através de características sociais que sirvam para atender aos interesses das classes privilegiadas de maneira a manter sua postura de poder no que concerne à dominação sobre o outro. Em resumo, fica difícil a periferia brasileira articular um discurso dentro de uma divisão geopolítica hegemônica (Vieira, 2000).

Partindo da superioridade moral de uma elite em relação ao outro sujeito submisso, a elite se convence da transparência e neutralidade das posições, fazendo com que esse processo seja auto-sustentado. Desta forma, se isentam da responsabilidade pela autoria da proliferação do Covid-19. Esse mecanismo produz como resultado final a acusação à periferia por mais um perigo trazido à população, e pressupõe a suspensão da sua história e ideologia. Esse processo se empenha na negação da individualidade e da subjetividade da periferia, sendo percebido como um objeto, um ser genérico que pode ser substituído, por qualquer outro (Souza,1996). Este esmagamento da nossa periferia está previsto entre os valores do colonialismo assim como o desejo da camada dominante exterminá-los por completo (Memmi,1967).

É assim que para Said (1979), ambos estão imobilizados nesta luta: o colonizador imobilizado, poderoso e intocável como ser superior, explorador da mão- de - obra barata, fácil de manobrar. O fato é que não há possibilidade de negociação, resistência ou inversão de valores porque a hegemonia do poder não permite.

Como diz Spivak (1988), existe uma probabilidade de convencimento dos povos mais fracos aceitarem a verdade que foi plantada pela classe dos dominantes como algo real. Há uma articulação para que no imaginário a identificação do outro seja agressiva. Para tanto, existe o esforço repetitivo de um estereótipo que através de histórias mantém essa cadeia repetitiva que reforça as mesmas características sobre povos que tenham sido colonizados, que como Bhabha (1998, p. 120) aponta, elas reforçam “a animalidade do negro, a inescrutabilidade do cule⁴ ou a estupidez do irlandês”.

Ao mesmo tempo, a autora desconstrói essa noção hegemônica e enfatiza que um precisa do outro para existir; ela enfatiza a forma que o binarismo foi criado nas

⁴ “Cule” - que significa colono ou trabalhador assalariado indiano ou chinês das ex-colônias europeias, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/cule> [consultado em 14-12-2018].

narrativas marginalizadas. Spivak rejeita discursos monolíticos e binarismos como eu/outro, imposto pelas estruturas opressivas e propõe um “essencialismo estratégico”, em uma leitura que inverte as estruturas de dominação (Vieira, 2000). Assim como a autora, em nossa leitura acreditamos que as posições são móveis, fluidas e negociáveis.

Motivados por uma percepção de desconstrução hegemônica, a periferia deve participar do processo histórico em que está inserida e se transportar do estigma de agente passivo para um novo panorama em que dará voz aos gritos silenciados pela exploração do poder da sociedade elitizada e do Estado.

5. Conclusão

Comprendemos que é necessário neste momento de crise na saúde global em ritmo acelerado, uma reflexão acerca do lugar dos periféricos em um mundo que se acha pós colonial mas que a mentalidade ainda é colonial. Uma mentalidade que deseja convencer os povos dominados de que estão em posições opostas.

Este trabalho buscou mostrar como se deu a entrada do Covid-19 no Brasil desde seu surgimento no laboratório em Wuhan na China até a proliferação e chegada, desenvolvendo o argumento de que a elite e a classe oprimida foram o passaporte de entrada do vírus. Ao longo do trabalho, se procurou demonstrar que o assunto é de extrema importância para as relações internacionais contemporâneas. Em primeiro lugar, a entrada do vírus no Brasil põe em questão a desigualdade centro-periferia em um país latino na medida em que os padrões de dominação se sentem apoderados.

Em segundo, tomou-se como pressuposto a abordagem pós-colonial como ferramenta de apoio para contestar a relação desigual entre centro-periferia bem como a atuação de cada um dos envolvidos. Uma percepção que busca desconstruir / romper com discursos hegemônicos e eurocêntricos pressupondo espaços de liberdade e um espaço mais igualitário para todas as sociedades.

Referências

- ANDRADE, Marcos R.T. (2009). *A visão periférica da História em Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves. In: Comunicações do simpósio Internacional de Literatura, Crítica, Cultura III: Interfaces, Minas Gerais:UFJF.
- ANJORIN, Abdulazeez A. (2020). The coronavirus disease 2019 (COVID-19) pandemic: A review and an update on cases in Africa. In: *Review article Asian Pacific Journal of Tropical Medicine*. Department of Microbiology (Virology Research), Lagos State University, Ojo, Nigeria.
- ARANTES, Paulo Eduardo. (1992). *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira*. São Paulo: Paz e Terra.
- BETTELHEIM, Charles. (1973). Comentários Teóricos. In: Emmanuel, Arghiri. *Troca desigual*.V.2. p.9-80. Lisboa. Lisboa: Editorial Estampa. (Série Teses).
- BHABHA, Homi. (1998). O pós-colonial e o pós-moderno. A questão da agência. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- BHABHA, Homi. (2007). Ética e estética do globalismo: uma perspectiva pós-colonial. In: Bhabha et al. (Org.). *A urgência da teoria*. Lisboa: Tinta- da - China.p.21-44.
- BIERNATH, André. (2020). Estudos revela as portas de entrada do coronavírus no Brasil. *Veja Saúde*. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/estudo-revela-as-portas-de-entrada-do-coronavirus-no-brasil/> Acesso em: 20 Jul. 2020.
- BORTOLUCI, José Henrique. (2009). *Pensamento Eurocêntrico, Modernidade e Periferia: Reflexões sobre o Brasil e o Mundo Muçulmano*.Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em História Social. USP.
- CAHEN, Michel; BRAGA, Ruy (orgs). (2018). *Para além do pós (-) colonial*. Alameda. São Paulo.
- CARVALHO, Francine Adelino. (2010). *FORMAÇÕES IDENTITÁRIAS NO PÓS COLONIALISMO: QUEM É O SUJEITO NEGRO?* TEIAS: Rio de Janeiro.
- EMMANUEL, Arghiri. (1972). El intercambio desigual: una introducción. In: AMIN, Samir et al. *Imperialismo e comércio internacional: el intercambio desigual*. Cuadernos de *Pasado e Presente*.n. 24. Cordoba: Ediciones pasado e Presente. p.1-31.
- FANON, Frantz. (1981). *Pela negra, máscara brancas*. Edufba. 1981
- FELLET, João. (1984). O que se sabe sobre as principais acusações contra a China na pandemia.2020 In: FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. (Biblioteca de filosofia e história das ciências; v.nº 7).

FOUCAULT, Michel. (1984). Entrevista com Michel Foucault. In: Ditos e Escritos. Motta, Manoel Barros da (org.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, v.1, Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise.

FOUCAULT, Michel. (2005). *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France. (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.

FOUCAULT, Michel. (2009). *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2009.

GOODMAN, Peter S.; BUBOLA, Emma. (2019). The New York Times, dezembro, 2019 In: ESTADÃO. Economia & Negócios.

GRAMSCI, Antonio. (1978). *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

KULHMANN, P.R.L; FREITAS, Jeane. (2014). Para além da fluidez e das relações de poder. O caso do Sudão do Sul. In: *Relações Internacionais*. Março.

LEITE, Alexandre C.C (2011). *O projeto de desenvolvimento econômico chinês- 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos*. Tese de Doutorado. PUC - São Paulo.

LIMA, Marcos Costa. (2015). AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO: A PROPÓSITO DOS CONCEITOS DE CENTRO E PERIFERIA. Século XXI, Porto Alegre, V. 6, Nº 1, Jan- Jun.

LOPES, Rodrigo. (2020). A china pode ter fabricado o coronavírus em laboratório? O que se sabe até agora sobre a origem da covid-19? Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2020/04/>> Acesso em: 27 Jun. 2020.

MEMMI, Albert. (2007). *O retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Civilização brasileira.

MIGNOLO, Walter. (2010). *La opción decolonial:desprendimiento y apertura. Um manifesto y un caso*". Tabula Rasa. n. 8, p. 243- 282.

OLIVEIRA, Marcos Antonio Bessa. (2018). Epistemologias fronteiriças em arte e cultura periféricas. *Revista Temporal – prática e pensamento contemporâneos*. V.2.n.4.

QUIJANO, Aníbal. (2005). *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires. CLACSO.

SAID, Edward. (1979). *Orientalism*. New York. Pantheon. 1979

SOUZA, Cleber. (2020). Covid-19 na periferia de SP expõe faceta da desigualdade, dizem médicos. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/26/covid-19-na-periferia-expoe-a-faceta-da-desigualdade-dizem-especialistas.htm>. Acesso em: 01 de Jul. de 2020.

SPIVAK, Gayatri C. (1988). Can the subaltern speak? In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (eds.). *Marxism and the interpretation of culture*. Chicago: Chicago Press. p. 271-313.

VALENCIA, Camila e STEIN, Ernesto. (2020). A propagação do novo coronavírus fora da China. In: *IDEAÇÃO Inovação em gestão pública*.

VIEIRA, Else R.P. (2000). *DIÁLOGOS PÓS-COLONIAIS: GAYATRI SPIVAK E ROBERT YOUNG NO BRASIL*. Sem edição.

WOODWARD, Kath (ed.). (2004). *Questioning Identity: Gender, Class, Ethnicity*. The Open University. 2nd edition.

Base de dados

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Disponível em: <https://saude.gov.br/component/tags/tag/oms2020>. Acesso em: 10 de Jul. 2020.

JOURNAL OF TRAVEL MEDICINE. Disponível em: <https://academic.oup.com/jtm> Acesso em: 10 de Jul. 2020.

Notícias e comunicados de imprensa

BBC News. Brasil. 2020. O que se sabe sobre as principais acusações contra a China na pandemia. <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52466295>> Acesso em: 27 Jun. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. 2020. Em crise, brasileiros que vivem no exterior enfrentam dilema de voltar ou não. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/05/em-crise-brasileiros-que-vivem-no-externo-enfrentam-dilema-de-voltar-ou-nao.shtml>. Acesso em: 16 Nov. 2020.

GAZETA BRASIL. 2020. Covidão: São Paulo e Pernambuco lidera, alista de corrupção durante a pandemia. <https://gazetabrasil.com.br/politica/covidao-sao-paulo-e-pernambuco-lideram-lista-de-corrupcao-durante-a-pandemia/> Acesso em: 17 Nov. 2020.